U.PORTO

MESTRADO EM PSICOLOGIA

Consentimento Sexual em Pessoas LGB: Um Estudo Exploratório

Bárbara Maia Mota

M

2026

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Consentimento Sexual em Pessoas LGB: Um Estudo Exploratório

Bárbara Maia Mota

Outubro, 2026

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, área de especialização de Psicologia da Justiça e da Desviância, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada por Prof. ***Pedro Alexandre Costa*** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto concetuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Sem prejuízo do disposto anteriormente, a autora declara que recorreu a ferramentas de Inteligência Artificial durante o processo de elaboração deste trabalho. Em particular, utilizou-se ChatGPT e Claude para apoio na estruturação do texto e revisão frásica, sem implicação em decisões analíticas, interpretação estatística ou produção dos resultados. O recurso a estas ferramentas limitou-se aos usos descritos, mantendo-se as ideias, a análise, a interpretação dos resultados, a elaboração científica e a redação inicial da Dissertação integralmente da responsabilidade da autora.

Agradecimentos

A quem me orientou nesta jornada, Prof. Pedro Alexandre Costa. Obrigada pelo apoio e paciência no último ano e meio.

Aos professores que me marcaram na Licenciatura e no Mestrado. Ao Dr. Rui Tinoco, por me ensinar tanto sobre investigação e me fazer gostar de aprender mais, mesmo numa área diferente.

À FPCEUP, pelos 5 anos em que foi uma Casa, apesar de ser apenas um bloco de cimento que parece um hospital, com poucos locais de convívio, cadeiras no pátio e ventilação na sala de convívio. De alguma forma, tornou-se o sítio mais confortável do mundo.

Aos dois projetos da minha vida, que me dão as dores de cabeça mais bonitas. Ao EYP, que fazem parte de mim há mais de 7 anos e que me fez gostar de viajar, de aprender, de conhecer e de comunicar. Por me fazer sentir vista e valorizada e por me dar pessoas tão diferentes, de tantos cantos da Europa, mas que partilham valores e vontades. Às amizades sem esforço, aos encontros em AGs, aos momentos de orgulho e à última aventura da Direção, onde já me sinto desafiada e ouvida. "This is just volunteering", mas não é mesmo só isso.

À minha ATITUNA, para a qual já não há palavras. Por dar mais música à minha vida, por fazer todas as frustrações valerem a pena e por me deixar fazer parte de uma história fascinante. Desde os ensaios rotineiros a uma Gala chique, tudo é especial neste sítio. A todas as pessoas que já me sorriram na formação, seja porque estamos a arrasar nas dinâmicas, porque a música é bonita ou porque alguém se enganou monumentalmente no instrumento.

Às minhas Afilhadas, por se deixarem contagiar pela minha obsessão por este mundo e por confiarem em mim: às papinhas de fruta, à identificação de perfumes, às peptalks nas escadas ou qb3, aos finos com tango “do bem” e às boleias e shots com mãozinhas. Às minhas Madrinhas, por terem alimentado o monstrinho desde o início: às Somersby na varanda, aos encorajamentos para afters, ao melhor croissant da minha rua, ao ponto de encontro no Bom Sucesso e aos pequenos-almoços que duram um dia inteiro. Ao meu RAICC da altura que ainda existe, mas deste lado, entre dias e noites de leveza e de decisões difíceis.

À Laura, por ser a minha alma gémea da negatividade e a amizade confortável que não precisa de grandes gestos. À Mariana Henriques, por ser a minha irmãzinha que tanto admiro e parceira de aventuras desde "pequena". À Rita, pela partilha de neurónios hilariantes e conversas reparadoras. À Mariana Pinho, com quem é uma honra ser confundida, pelas piadas

surrealmente engraçadas e pelas mil histórias que temos em dupla. Ao João, pelas conversas longas, gostos musicais partilhados e convites de side quests.

Ao sítio *abraço casa coração laranja* que me fez viver a magia da vida académica e as coisas mais inesperadas e aleatórias. À Sara, por me guiar além das montanhas e pelas coincidências destinadas. Aos meus coleguinhas, por crescerem comigo, motivarem-me a ficar e conhecerem os meus detalhes, qualidades e defeitos. À Núria, à Joana, à Bárbara, à Inês e à Eduarda. Algumas amizades mais tardias e outras desde o primeiro dia. Obrigada pelas horas de café e jogos de cartas, pelas reflexões sobre o mundo e pela partilha de gossip. Pelas vezes em que me rio convosco e em que choro convosco, obrigada por me chamarem para viver coisas.

À família dentro de casa. À Beatriz, por me fazer viajar pelo mundo e por navegar comigo a vida. Obrigada por me veres nos teus poemas e por não me deixares ter medo de nada. Obrigada pelos hits musicais que compomos, pelos nomes italianos em peluches, pelos rituais que adoro que se repitam e pelas coisas novas. Pelos "teus detalhes" e por me fazeres adorá-los.

À Teté e Marta, por serem sempre os melhores exemplos que podia seguir. Obrigada por me incentivarem, desde pequena com caracóis a dançar Mamma Mia, a ser eu mesma, e me mostrarem que isso era suficiente. Obrigada por se rirem de mim e comigo e me levarem em aventuras. Béa, obrigada pela bondade e lata Parisiense. Carreira, pelas boas conversas intermináveis sobre psicologia. E à Fuji, claro!

Ao Pai, por sempre lutar para me dar o melhor e por me ensinar valores que levo comigo para sempre. Às demonstrações de amor e orgulho subtis, em formato de 30 embalagens de uma comida de que eu gostei. À Mãe, a minha companhia de todos os dias. Obrigada por me motivares a mandar-me para tudo de cabeça e por estares lá para mim quando a raspo um bocadinho. Pela paciência enquanto eu te mostro e conto todos os pormenores das minhas aventuras e pelo teu coração gigantesco.

Está feito, FPCEUP. E tanta coisa que eu fiz, viva ao FOMO!

Resumo

O consentimento sexual constitui um elemento central das experiências sexuais, envolvendo uma dimensão interna, relacionada com o que a pessoa sente e deseja, e uma externa, relacionada com a forma como o comunica. A investigação sobre este fenómeno tem-se centrado predominantemente em populações heterossexuais e cisgénero, invisibilizando experiências de pessoas LGBTI+. Este estudo procurou caracterizar o consentimento sexual interno e externo numa amostra de pessoas cis lésbicas, *gays* e bissexuais ou pansexuais, explorando diferenças em função do género, da orientação sexual e do estado relacional, bem como as associações com a satisfação sexual.

Realizou-se um estudo quantitativo exploratório através de questionário *online*, com uma amostra de 83 participantes dos 18 aos 50 anos, utilizando a Escala de Consentimento Interno (ECI), a Escala de Consentimento Externo (ECE) e um indicador de satisfação sexual.

Verificou-se uma correlação positiva entre as dimensões interna e externa do consentimento, estando a interna associada a maior satisfação sexual. O consentimento interno revelou diferenças em função do género, com níveis superiores em mulheres, e do estado relacional, com níveis superiores em pessoas numa relação. O consentimento externo não revelou diferenças globais, mas, ao nível das subescalas, os comportamentos não verbais foram mais reportados por mulheres. A orientação sexual não diferenciou as variáveis analisadas.

Os resultados contribuem para uma compreensão multidimensional do consentimento sexual, reforçando a necessidade de aprofundar a investigação com esta população e de promover uma educação sexual inclusiva.

Palavras-chave: Consentimento sexual; Consentimento interno; Consentimento externo; Satisfação sexual; População LGB.

Abstract

Sexual consent constitutes a central element of sexual experiences, involving an internal dimension, related to what a person feels and desires, and an external dimension, related to how it is communicated. Research on this phenomenon has predominantly focused on heterosexual and cisgender populations, excluding LGBTI+ experiences. This study aimed to characterise internal and external sexual consent in a sample of cisgender lesbian, gay and bisexual or pansexual individuals, exploring differences based on gender, sexual orientation, and relationship status, as well as associations with a sexual satisfaction indicator.

An exploratory quantitative study was conducted via an online questionnaire, with a sample of 83 participants aged 18 to 50 years, using the Internal Consent Scale (ICS), the External Consent Scale (ECS), and one sexual satisfaction indicator.

A positive correlation was found between the internal and external dimensions of consent, with the internal dimension being associated with greater sexual satisfaction. Internal consent differed by gender, with higher levels among women, and by relationship status, with higher levels among people in a relationship. External consent showed no overall differences, but at the subscale level, nonverbal behaviors were more frequently reported by women. Sexual orientation did not differentiate any of the variables analysed.

The results contribute to a multidimensional understanding of sexual consent, reinforcing the need for further research with this population and the promotion of inclusive sexual education.

Keywords: Sexual consent; Internal consent; External consent; Sexual satisfaction; LGB population.

Índice

Introdução **1**

Revisão de Literatura **3**

Consentimento sexual 3

Consentimento sexual, satisfação sexual e contexto relacional 4

Teoria dos *Scripts* Sexuais no Consentimento sexual 4

Consentimento e *scripts* sexuais em pessoas LGBTI+ 6

O Presente Estudo 9

Método **10**

Desenho do Estudo 10

Participantes 10

Instrumentos 12

Questionário Sociodemográfico 12

Escala de Consentimento Interno (ECI) 13

Escala de Consentimento Externo (ECE) 13

Indicador de Satisfação Sexual 14

Procedimentos 14

Plano de Análise 14

Resultados **15**

Diferenças nas dimensões do consentimento em função de características sociodemográficas e relacionais 15

Género 15

Orientação Sexual 15

Estado Relacional 16

Associações entre Consentimento Interno e Externo e Indicador de Satisfação Sexual 16

Análise das Subescalas do Consentimento Sexual Externo 17

Diferenças nas Subescalas da ECE em Função do Género, da Orientação Sexual e do Estado Relacional 17

Análises Exploratórias das Subescalas da ECE 18

Discussão 20

A Relação entre as Dimensões do Consentimento Sexual e o Papel da Experiência Interna 20

Estado relacional e Consentimento 21

Género e Consentimento 22

Orientação Sexual e Consentimento em Pessoas LGB 23

Limitações, Implicações e Sugestões Futuras 24

Conclusão 26

Referências 28

Anexos 39

Introdução

A Organização Mundial da Saúde (OMS) conceptualiza a saúde sexual como um estado de bem-estar físico, emocional, mental e social relacionado com a sexualidade, que requer uma abordagem positiva e respeitosa, bem como a possibilidade de experiências sexuais prazerosas e seguras, livres de coerção, discriminação e violência. A OMS salienta ainda que, para que a saúde sexual seja alcançada e mantida, os direitos sexuais devem ser respeitados, protegidos e cumpridos (WHO, 2006). Neste enquadramento, o consentimento sexual constitui um elemento importante para a vivência de experiências sexuais voluntárias, seguras e respeitadoras dos direitos individuais. Segundo Willis e Jozkowski (2019), o consentimento sexual pode ser entendido como a vontade voluntária, sóbria e consciente de uma pessoa em participar num determinado comportamento sexual, com uma determinada pessoa e num determinado contexto. Esta conceptualização tem evoluído de uma perspetiva mais centrada na ausência de recusa para modelos que enfatizam a manifestação da vontade (Torenz, 2021), embora persista a tendência de conceptualizar o consentimento como a ausência de um "não" e não como a presença de um "sim" (Orchowski et al., 2022).

Deste modo, compreender o consentimento sexual implica considerar mais do que a ausência de coerção ou violência. Trata-se de um processo multidimensional que envolve a vontade e a disponibilidade para participar numa interação sexual, mas também a forma como essa vontade é expressa e comunicada e como são estabelecidos limites e preferências entre as pessoas envolvidas (Muehlenhard et al., 2016).

Estas dimensões não ocorrem de forma isolada, mas inserem-se nos contextos relacionais e socioculturais em que as interações sexuais acontecem, questão particularmente relevante no estudo com pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e outras pessoas pertencentes a minorias sexuais e de género (LGBTI+), cujas experiências podem não estar plenamente contempladas nas conceptualizações predominantes do consentimento. A investigação sobre consentimento tem, contudo, sido predominantemente desenvolvida a partir de perspetivas hetero e cisnormativas, deixando experiências LGBTI+ menos representadas (de Heer et al., 2021). Assim, estudar o consentimento nesta população permite compreender diferentes experiências sexuais e contribuir para uma conceptualização mais inclusiva do consentimento.

O presente estudo explora o consentimento sexual, especificamente numa amostra de pessoas LGB, considerando as suas dimensões interna e externa e a sua relação com características individuais e relacionais. É enquadrado pela Teoria dos *scripts* sexuais (Simon

& Gagnon, 1973), que considera o papel das expectativas e dos papéis socialmente construídos para as interações sexuais, tradicionalmente assentes em normas heteronormativas, e a forma como pessoas não heterossexuais os adotam, flexibilizam ou reformulam.

Revisão de Literatura

Consentimento sexual

O consentimento sexual tem sido associado à existência de acordo para participar numa atividade sexual, pressupondo que a pessoa apresenta capacidade para tomar essa decisão e a ausência de ameaça, força ou coerção (Breiding et al., 2016; Kruttschnitt et al., 2014). Contudo, estas condições não são suficientes para descrever a sua complexidade, já que se trata de um processo dinâmico, cuja expressão pode variar em função de características individuais e contextuais, como o género, o comportamento sexual e o contexto relacional (Willis & Jozkowski, 2022; Jozkowski & Peterson, 2013; Marcantonio et al., 2018; Willis et al., 2019).

Perante estas conceptualizações, alguns autores começaram a questionar se consentir com uma atividade sexual correspondia apenas à expressão de concordância ou também a uma decisão interna acerca da vontade e do desejo de o fazer. Hickman e Muehlenhard (1999) distinguiram entre consentimento interno, definido como a experiência subjetiva de querer ou desejar uma atividade sexual, e consentimento externo, correspondente à expressão dessa vontade de forma comportamental, através de sinais verbais e/ou não verbais. Peterson e Muehlenhard (2007) reforçam esta distinção ao demonstrarem que desejo e consentimento não correspondem necessariamente ao mesmo fenómeno: as pessoas podem envolver-se em sexo que não desejam (*compliant sex*) ou manifestar resistência apesar de desejarem participar (*token resistance*).

Jozkowski et al. (2014) expandiram esta distinção num modelo multidimensional. Segundo estes autores, o consentimento interno compreende diferentes dimensões afetivas e cognitivas, incluindo sentimentos de segurança, conforto, desejo, excitação e resposta física. Este tipo de consentimento está associado a uma maior qualidade da experiência sexual (Jozkowski, 2013) e a uma menor probabilidade de envolvimento em situações de coerção ou de ambivalência sexual (Willis et al., 2019).

O consentimento externo diz respeito às formas através das quais a vontade de participar numa atividade sexual é expressa à pessoa parceira, podendo envolver diferentes comportamentos e sinais de comunicação (Jozkowski et al., 2014), incluindo formas de comunicação verbal e não verbal ou respostas passivas à iniciativa sexual da pessoa parceira. Os sinais não verbais parecem ser os mais frequentemente utilizados para sinalizar o consentimento, como o beijo, o toque íntimo ou o aumento da proximidade física (Beres et al., 2004; Hall, 1998; Jozkowski et al., 2014), embora a comunicação verbal se torne mais frequente à medida que os comportamentos sexuais se tornam mais íntimos (Hall, 1998).

Consentimento sexual, satisfação sexual e contexto relacional

O consentimento sexual pode também relacionar-se com a forma como a experiência sexual é avaliada, sendo o conceito de satisfação sexual relevante para o compreender. A satisfação sexual pode ser entendida como uma avaliação subjetiva da própria experiência sexual, que envolve a perceção da correspondência entre as expectativas e a experiência vivenciada (McClelland, 2010), podendo incluir aspetos como o prazer e a ausência de insatisfação ou *distress* sexual (Pascoal et al., 2014; Althof et al., 2010). Esta tem sido associada à qualidade e ao contexto das relações íntimas, sendo que relações caracterizadas por maior compromisso, qualidade e bem-estar relacional tendem a associar-se a experiências sexuais mais satisfatórias (Sprecher, 2002).

Assim, o contexto relacional parece ser relevante para a compreensão do consentimento. A literatura sugere que, em relações previamente estabelecidas, as pessoas podem recorrer a formas menos explícitas de comunicação (consentimento externo), enquanto, em relações com pessoas menos familiares se valorizam manifestações mais explícitas (Humphreys, 2007). Na dimensão interna do consentimento, Jozkowski et al. (2014) identificaram sentimentos de segurança e conforto mais elevados entre participantes que estavam numa relação de compromisso. Marcantonio et al. (2018) verificaram também que mulheres em relações sérias reportavam sentimentos internos de consentimento mais elevados e maior utilização de pistas não verbais de consentimento externo, comparativamente a mulheres com outros tipos de relação.

Teoria dos *Scripts* Sexuais no Consentimento sexual

A forma como o consentimento é experienciado e comunicado não depende exclusivamente de processos individuais, sendo também influenciada pelas normas sociais que orientam as expectativas relativamente aos comportamentos sexuais. Assim, a Teoria dos *Scripts* Sexuais, proposta por Simon e Gagnon (1973), constitui um enquadramento relevante para compreender de que forma os comportamentos sexuais são moldados por guiões (*scripts*) partilhados acerca do que é socialmente esperado em contextos sexuais. Os autores distinguem três níveis interrelacionados: o cultural, referente às normas e expectativas sociais sobre a sexualidade; o interpessoal, que orienta as interações entre as pessoas envolvidas; e o intrapsíquico, relacionado com a internalização e interpretação individual desses guiões (Simon & Gagnon, 1986, 2003). Os *scripts* não são estáticos, podendo ser mantidos, adaptados ou

substituídos ao longo do tempo, em função das transformações sociais e culturais (Simon & Gagnon, 1986; Beres, 2014).

Estes *scripts* orientam, portanto, a sequência dos comportamentos e os papéis esperados dos diferentes intervenientes na interação sexual (Beres, 2014). Nos guiões tradicionais, a interação tende a seguir uma progressão em que o beijo e o contacto físico, frequentemente enquadrados como "preliminares", precedem formas mais íntimas de atividade sexual, culminando na "relação sexual" (Simon & Gagnon, 1973; Seal & Ehrhardt, 2003). Esta organização pode hierarquizar as práticas sexuais, atribuindo à penetração um papel central e às restantes práticas uma função preparatória (Peterson & Muehlenhard, 2007), além de, nos encontros heterossexuais, ser privilegiado o prazer e o orgasmo masculino (Thomé, 2025). Através de processos de socialização, incluindo as interações com pares e os meios de comunicação social, nomeadamente a pornografia, estes guiões podem ser aprendidos e reforçados (Sun et al., 2016; Ward et al., 2022).

Os *scripts* tradicionais atribuem também papéis diferenciados em função do género: os homens são frequentemente posicionados como iniciadores, proativos e assertivos, enquanto as mulheres assumem posições mais recetivas e seletivas, atuando como *gatekeepers* das iniciativas masculinas (Byers, 1996, 2013; Masters et al., 2013). Este papel coloca sobre as mulheres uma responsabilidade acrescida na sinalização do não consentimento, podendo contribuir para que a ausência de recusa explícita seja interpretada como consentimento (Harris et al., 2024). As mulheres podem ainda ser socializadas para conter o desejo e regular o ritmo da interação sexual (Jozkowski & Peterson, 2013), o que se articula com o duplo padrão sexual, segundo o qual comportamentos semelhantes podem ser avaliados de forma diferente consoante o género (Sakaluk et al., 2014). A expressão aberta do desejo ou da iniciativa pode, então, ser mais valorizada nos homens, enquanto nas mulheres pode ser sujeita a avaliações mais negativas quando se afasta das expectativas tradicionais de feminilidade (Endendijk et al., 2020).

Estas dinâmicas podem refletir-se na própria experiência do consentimento. Jozkowski et al. (2014) observaram níveis mais elevados de consentimento interno nos homens, com exceção da resposta física. Os autores sugerem que esta diferença poderá estar relacionada com a maior congruência entre as expectativas dirigidas aos homens e o *script* sexual tradicional, já que estes são frequentemente socializados para manifestar desejo sexual e disponibilidade para a atividade sexual, resultando numa menor inibição dos sentimentos internos. Pelo contrário, as mulheres poderão experienciar sentimentos mais conflituosos, devido às mensagens

contraditórias que recebem acerca da sua expressão sexual: por um lado, espera-se que expressem atratividade e desejo sexual, por outro, podem ser negativamente avaliadas quando adotam comportamentos considerados excessivamente sexualizados (Armstrong et al., 2006; Kim et al., 2007).

Quanto ao consentimento externo, Jozkowski e Peterson (2013) verificaram que os comportamentos reportados por homens e mulheres eram consistentes com os papéis previstos pelo *script* sexual tradicional. Homens reportaram questionar as mulheres sobre a sua vontade de ter relações sexuais em 22,4% dos casos, enquanto 47% das mulheres indicaram o seu consentimento ao responder afirmativamente quando questionadas. As autoras consideraram que estes papéis podem limitar a expressão sexual de homens e mulheres e favorecer um contexto propício à agressão sexual (Jozkowski & Peterson, 2013). Jozkowski et al. (2014) verificaram maior utilização de comportamentos passivos e de ausência de resposta em mulheres, enquanto os homens recorriam mais a comportamentos de pressão *borderline* - estratégias subtis para influenciar a progressão da atividade sexual.

Por fim, Willis et al. (2020), num estudo sobre *scripts* de consentimento presentes em filmes pornográficos, identificaram temas como "consentimento verbal explícito não é natural", "mulheres são indiretas e homens diretos", "sexo pode ocorrer sem comunicação contínua", "comportamentos sexuais de menor intensidade não requerem consentimento explícito" e "a ausência de reação pode ser interpretada como consentimento". Os *scripts* sexuais podem, então, moldar o consentimento ao influenciar a forma como os indivíduos interpretam o seu desejo e o expressam (Burkett & Hamilton, 2012; Rodgers et al., 2023; Rittenhour & Sauder, 2024).

Consentimento e *scripts* sexuais em pessoas LGBTI+

A investigação sobre o consentimento sexual tem sido sobretudo desenvolvida a partir de modelos heteronormativos, com amostras de pessoas cisgénero heterossexuais. A prevenção da violência sexual e educação sexual têm sido criticadas por falharem em incluir de forma significativa as experiências das pessoas LGBTI+ (Buggs & Hoppe, 2023; Edenfield, 2019), principalmente considerando a literatura que indica que jovens pertencentes a minorias sexuais apresentam maior risco de vitimação sexual do que os seus pares heterossexuais (Eisenberg et al., 2017). Ainda assim, diversos estudos sobre consentimento excluem participantes LGBTI+, devido ao reduzido número de participantes ou por terem sido concebidos especificamente para analisar interações heterossexuais (e.g., Higgins et al., 2010; Hirsch et al., 2019), permanecendo

limitada a compreensão de como o consentimento sexual é experienciado e comunicado por pessoas LGBTI+ e de como varia em função da orientação sexual, género e do estado relacional.

Estudos realizados com pessoas LGBTI+ sugerem que os *scripts* sexuais podem assumir configurações distintas das postuladas nos modelos tradicionais. Klinkenberg e Rose (1994) verificaram que relações entre pessoas do mesmo género incorporavam *scripts* estruturados, mas com menos elementos dos papéis heterossexuais: os de homens gays mais orientados para a dimensão física e os de mulheres lésbicas para a intimidade emocional. Edgar e Fitzpatrick (1993) não identificaram papéis de *gatekeeper* nas relações entre homens gays nem o papel de "iniciador sexual" nas relações entre mulheres lésbicas. Estudos mais recentes continuam a apontar para esta maior flexibilidade, Webber et al. (2024), entre homens gay, bissexuais, trans e *queer*, identificaram *scripts* específicos para comunicar consentimento, mas também a influência persistente de normas heteromasculinas. Mutchler (2000) identificou *scripts* associados ao amor romântico, à aventura erótica e ao sexo seguro entre homens gays, enquanto Hoppe (2011) descreveu expectativas específicas associadas às posições de *top* e *bottom*.

Outros estudos sugerem, contudo, que os *scripts* em pessoas LGBTI+ não constituem sistemas completamente distintos dos modelos tradicionais, podendo combinar a reprodução de normas heteronormativas com formas mais flexíveis e específicas de organizar as interações. Tarantino e Wesche (2025) verificaram que mulheres não heterossexuais cisgénero reproduziam e questionavam simultaneamente a heteronormatividade, desenvolvendo novos *scripts* com definições mais abrangentes de sexo e valorizando a confiança como base de novas relações sexuais. O estudo qualitativo de De Heer (2023) verificou que, em relações *queer*, o conceito de "sexo" tende a ser mais abrangente, englobando práticas que, em contextos heterossexuais, podem não ser reconhecidas como tal, devido ao foco predominante na penetração. Algumas pessoas bissexuais do estudo descreviam relações entre géneros opostos como mais marcadas por papéis de género padronizados e as do mesmo género como mais flexíveis. O género da pessoa parceira parece também influenciar as expectativas: mulheres bissexuais ou pansexuais reportam maiores expectativas de estimulação clitoriana e orgasmo ao antecipar uma interação com uma mulher do que com um homem (Dickman et al., 2025).

Esta flexibilidade dos *scripts* é relevante para compreender a forma como o consentimento sexual é organizado. Beres et al. (2004), através da *Same-Sex Sexual Consent Scale*, identificaram diferentes pistas verbais e não verbais utilizadas na iniciação e resposta à atividade sexual entre pessoas do mesmo género, bem como estratégias baseadas na ausência de resistência, sem diferenças significativas entre homens e mulheres, o que interpretaram como

consistente com uma maior flexibilidade dos *scripts* sexuais nestas pessoas. Marcantonio et al. (2022) verificaram que homens de minorias sexuais e heterossexuais comunicavam o consentimento de forma semelhante, embora tenham emergido alguns *scripts* específicos entre os primeiros, como o consentimento virtual, associado à comunicação de intenções sexuais através de mensagens. Há também evidência de maior explicitação na comunicação do consentimento: homens não heterossexuais eram percecionados como mais diretos do que os heterossexuais (Sternin et al., 2021), e a maioria de homens gays, bissexuais e pessoas não binárias recusou formas implícitas de consentimento por as considerar inadequadas (McKie et al., 2020).

No entanto, a investigação não apresenta resultados consistentes quanto ao papel do género e da orientação sexual no consentimento. McKenna et al. (2021) verificaram que o género constituía um preditor relevante de comportamentos de consentimento entre pessoas de minorias sexuais, sendo a adesão a formas tradicionais de masculinidade associada a menor adaptabilidade nas práticas de consentimento. McKenna et al. (2022) concluíram que estas apresentavam, em comparação com participantes heterossexuais, maior controlo comportamental nas interações de consentimento, com menos diferenças de género nas atitudes e nas suposições sobre a vontade da pessoa parceira. Por outro lado, Walsh et al. (2019) não encontraram diferenças significativas entre heterossexuais, bissexuais e pessoas com experiências com o mesmo género nas Escalas de Consentimento Interno e Externo de Jozkowski et al. (2014).

Embora o consentimento interno tenha recebido menor atenção na investigação em populações LGBTI+, Javidi et al. (2023) verificaram uma associação positiva entre identificação como minoria sexual, consentimento interno e satisfação sexual. Entre pessoas LGB portuguesas, a satisfação sexual é construída através de dimensões individuais e diádicas (Pascoal et al., 2019) e associa-se a melhor funcionamento relacional (Dyar et al., 2020). Como vários estudos indicam, compreender as experiências sexuais e relacionais de pessoas LGBTI+ implica considerar também o contexto social em que estas são construídas. A teoria do stress minoritário permite este enquadramento, propondo que pessoas pertencentes a grupos sexual e socialmente estigmatizados estão expostas a stressores específicos, como discriminação, rejeição e antecipação do estigma, com impacto no seu funcionamento psicológico e relacional (Meyer, 2003). Worsdale e Kosenko (2024) observaram que a perceção sobre consentimento em pessoas LGB é moldada por relações interpessoais (parceiros, pares, família), apontando a escassez de educação sexual inclusiva como um obstáculo central à sua aprendizagem.

A literatura não sustenta, assim, uma forma de consentimento comum a todas as pessoas LGBTI+, evidenciando antes a diversidade de formas de o experienciar e comunicar, resultante da interação entre dimensões como a orientação sexual, género, contexto relacional e *scripts* sexuais, que podem ser reproduzidos, adaptados ou transformados. Estudar o consentimento em populações LGBTI+ implica, por isso, ultrapassar tanto a centralidade dos modelos heteronormativos como a ideia de uma experiência LGBTI+ homogénea, considerando os diferentes contextos em que as pessoas constroem e negoceiam as suas experiências sexuais.

O Presente Estudo

Apesar dos avanços na investigação sobre consentimento sexual, predomina o foco em contextos heterossexuais e cisgénero. O presente estudo procura aprofundar o conhecimento sobre o consentimento sexual em pessoas LGB, não por comparação com populações heteronormativas, mas explorando a sua diversidade interna e a relação com características individuais, relacionais e com a satisfação sexual.

O estudo tem como objetivo caracterizar, de forma exploratória, o consentimento sexual interno e externo numa amostra de pessoas adultas cisgénero que se identificam como lésbicas, gays ou bissexuais/pansexuais (LGB), procurando responder à seguinte questão de investigação: como se caracteriza o consentimento sexual interno e externo numa amostra de pessoas LGB e de que forma este se associa a características individuais, relacionais e à satisfação sexual?

O estudo trata de forma diferenciada as duas dimensões do consentimento. O consentimento interno, enquanto experiência subjetiva unitária, é avaliado através da pontuação global da Escala de Consentimento Interno (ECI). O consentimento externo, composto por comportamentos de comunicação distintos e observáveis, é avaliado através da pontuação global da Escala de Consentimento Externo (ECE) e das suas subescalas.

Foram definidos quatro objetivos específicos: (1) caracterizar o consentimento interno e externo numa amostra de pessoas LGB; (2) caracterizar as diferentes formas de comunicação do consentimento externo através das subescalas da ECE; (3) analisar diferenças no consentimento interno, no consentimento externo, nas formas de comunicação do consentimento e na satisfação sexual em função do género, da orientação sexual e do estado relacional; e (4) examinar as associações entre o consentimento interno, o consentimento externo, as formas de comunicação do consentimento e a satisfação sexual.

Método

Desenho do Estudo

O presente estudo adotou uma abordagem quantitativa, de natureza exploratória, recorrendo à aplicação de um questionário *online* constituído por questões sociodemográficas e por escalas de avaliação do consentimento sexual e de outras dimensões da sexualidade. A recolha de dados foi realizada através de amostragem não probabilística, por conveniência e de bola de neve. O questionário foi divulgado através de plataformas digitais e redes sociais, bem como através do contacto e partilha com grupos e associações dirigidos à população LGBTI+ em Portugal. A participação foi voluntária, tendo as pessoas participantes, após leitura da informação relativa ao estudo, fornecido o seu consentimento informado. Os critérios de inclusão para a participação no estudo foram: (a) ter idade igual ou superior a 18 anos; (b) ter tido uma experiência sexual; (c) identificar-se como lésbica, gay, bissexual ou pansexual; e (d) possuir fluência em língua portuguesa.

Participantes

O questionário obteve um total de 414 respostas. Numa primeira fase, foram excluídas respostas incompletas, incluindo as de participantes que abandonaram o questionário antes de responder às escalas consideradas no estudo. Posteriormente, excluíram-se participantes que se identificavam como heterossexuais. Embora a recolha original procurasse abranger pessoas independentemente da sua identidade de género, verificou-se que o número de pessoas trans, não binárias e de género diverso era reduzido, não permitindo a realização de análises estatísticas robustas para estes grupos. Assim, para a presente análise, optou-se por restringir a amostra a participantes cisgénero que se identificavam como lésbicas, gays, bissexuais ou pansexuais, resultando numa amostra final de 83 participantes.

As pessoas participantes apresentaram idades entre os 18 e 50 anos (M = 24.3), com uma maior concentração de participantes entre os 21 e os 23 anos (n = 40; 48.2%). Verificou-se uma predominância de participantes residentes no concelho do Porto (n = 30; 36.1%), com a restante amostra distribuída pela região Norte do país, bem como por alguns concelhos das regiões Centro e Lisboa. Participou ainda um indivíduo residente no Rio de Janeiro, Brasil.

A maioria da amostra identificou-se como mulher cisgénero (n = 67; 80.7%), sendo os restantes homens cisgénero (n = 16; 19.3%). Predominaram participantes bissexuais/pansexuais (n = 56; 67.5%), seguidos de participantes lésbicas (n = 18; 21.7%) e gays (n = 9; 10.8%). A maioria das pessoas encontrava-se numa relação romântica ou de compromisso (n = 61; 73.5%),

com predomínio de relações monogâmicas. Observou-se uma predominância de participantes com ensino superior ou equivalente e de estudantes. A caracterização detalhada consta na Tabela 1.

Tabela 1.

Caracterização sociodemográfica das pessoas participantes

Variável	*n*	%
Idade (anos)		
M (*DP*)	24.25 (5.97)	
Amplitude	18–50	
Género		
Mulher cisgénero	67	80.70
Homem cisgénero	16	19.30
Orientação sexual		
Gay	9	10.80
Lésbica	18	21.70
Bissexual/Pansexual	56	67.50
Situação relacional		
Numa relação romântica/de compromisso	61	73.50
Não se encontra numa relação	22	26.50
Tipo de relação		
Relação monogâmica	58	95.10
Relação não monogâmica consensual	3	4.90
Escolaridade		
Menos que ensino secundário	2	2.40
Ensino secundário ou equivalente	28	33.70
Ensino superior (licenciatura ou equivalente)	41	49.40

Variável	*n*	%
Estudos pós-graduados (mestrado ou doutoramento)	12	14.50
Ocupação		
Estudante	43	51.80
Trabalhador/a	21	25.30
Desempregado(a)	6	7.20
Estudante e trabalhador(a)	13	15.70
Religião		
Ateísmo	7	8.40
Agnosticismo	5	6.00
Catolicismo/Cristianismo/Protestantismo	19	22.90
Sem religião/não se identifica com nenhuma	46	55.40
Outra religião	6	7.20

Instrumentos

Os instrumentos utilizados integram um protocolo internacional desenvolvido por Germano Vera Cruz (Université de Picardie Jules Verne, França), no âmbito de um projeto sobre consentimento sexual, que contém escalas validadas relativas a várias dimensões da sexualidade. O protocolo foi traduzido e adaptado semanticamente para a população portuguesa, tendo como base uma versão previamente adaptada para a população moçambicana. Esta adaptação procurou também assegurar o uso de uma linguagem inclusiva e neutra, algo que a tradução anterior não possuía. Embora os dados globais tenham sido recolhidos para integração no projeto internacional e partilhados por duas dissertações de Mestrado distintas, apenas as medidas a seguir descritas foram utilizadas no presente estudo.

Questionário Sociodemográfico

O questionário iniciava com um conjunto de questões sociodemográficas destinadas à caracterização da amostra e à recolha de variáveis relevantes para fundamentar as análises

comparativas. Foram recolhidos dados relativos à idade, concelho de residência, religião, género e orientação sexual. Foram acrescentadas ao protocolo original algumas dimensões, nomeadamente o estado relacional, o tipo de relação (e.g., monogâmica ou não monogâmica consensual) e a sua duração.

Escala de Consentimento Interno (ECI)

A *Internal Consent Scale* (ICS), adiante designada por Escala de Consentimento Interno (ECI), desenvolvida por Jozkowski et al. (2014), avalia os sentimentos internos associados à vontade de uma pessoa se envolver numa atividade sexual com outra pessoa. É composta por 25 itens, respondidos numa escala de Likert de 4 pontos (1 - discordo totalmente, a 4 - concordo totalmente), e por cinco subdimensões: (a) Resposta Física; (b) Segurança e Conforto; (c) Excitação; (d) Concordância/Desejo; e (e) Prontidão. No estudo original, a escala apresentou excelente consistência interna (α = .95, e superior a .90 em todas as subescalas), tendo a sua estrutura sido confirmada por análise fatorial confirmatória (Walsh et al., 2019) e por invariância entre géneros (Willis et al., 2022).

Na presente amostra, o item 5 ("Senti-me ansioso/a/e") apresentou correlações negativas com a maioria dos itens, e a sua remoção melhorou o alfa de Cronbach (de α = .939 para α = .948). Dado que o item original ("I felt eager") descreve entusiasmo ou desejo antecipatório, é possível que a tradução tenha induzido uma leitura negativa, comprometendo a coerência com o construto. O item foi, por isso, excluído, e a versão final da ECI apresentou excelente consistência interna (α = .948), com 24 itens.

Escala de Consentimento Externo (ECE)

A *External Consent Scale*, adiante designada por Escala de Consentimento Externo (ECE), desenvolvida por Jozkowski et al. (2014), avalia os comportamentos utilizados para comunicar consentimento sexual à pessoa parceira, expresso através de diferentes sinais verbais e comportamentais. É composta por 20 itens, respondidos numa escala de *Likert* de 4 pontos (1 - discordo totalmente, a 4 - concordo totalmente) e por cinco subescalas: (1) Comportamentos Não Verbais (por exemplo, remover roupa ou aumentar o contacto físico); (2) Comportamentos Passivos (por exemplo, não dizer "não" ou retribuir os avanços); (3) Comportamentos de Comunicação/Iniciação (pistas verbais diretas ou indiretas, como perguntar sobre o uso de preservativo); (4) Comportamentos de Pressão *Borderline* (pistas indiretas e ambíguas, como fechar a porta); e (5) Sinais de Não Resposta (deixar a atividade acontecer ou não dizer nada).

O coeficiente de Cronbach global no estudo original foi de .84 (fatores entre .55 e .80). Walsh et al. (2019) confirmaram a estrutura de cinco fatores por análise fatorial confirmatória, com cargas reduzidas na subescala Sinais de Não Resposta.

Na presente amostra, as subescalas apresentaram alfas de .724 (Comportamentos Não Verbais), .891 (Comportamentos Passivos), .690 (Comunicação/Iniciação, no limite do aceitável) e .716 (Sinais de Não Resposta). A subescala Comportamentos de Pressão Borderline apresentou consistência interna inadequada (α = .532), pelo que foi excluída das análises. A ECE global, calculada sem esta subescala, apresentou boa consistência interna (α = .857).

Indicador de Satisfação Sexual

A satisfação sexual foi avaliada através de um indicador constituído por um único item ("avalie a sua satisfação sexual, relativamente ao período correspondente aos últimos 12 meses"), respondido numa escala de *Likert* de 9 pontos (de 1, nada satisfeito, a 9, muito satisfeito). Este item foi criado para o protocolo original e não corresponde a uma escala validada.

Procedimentos

A recolha de dados foi realizada através da plataforma *Qualtrics*, no âmbito da recolha partilhada entre as duas dissertações. O acesso ao questionário era precedido por uma página de informação e consentimento informado (Anexo 1), onde eram apresentados o tema da investigação, os critérios de participação, o tempo estimado de preenchimento, de aproximadamente 15 minutos, e a natureza voluntária da participação, informando da possibilidade de desistir ou interromper o preenchimento a qualquer momento, sem consequências.

Foram assegurados o anonimato e a confidencialidade das respostas, não tendo sido recolhidos dados diretamente identificativos (nomes, endereços de e-mail ou endereços IP). Não foram atribuídas compensações financeiras ou outros incentivos pela participação.

O estudo obteve parecer favorável da Comissão de Ética da FPCEUP (Ref.ª 2025-11-11, Anexo 2) e, dada a natureza sensível dos temas abordados, foram disponibilizados, no início e no fim do questionário, contactos institucionais de apoio psicológico e de serviços de saúde sexual, apoio a pessoas LGBTI+ e violência sexual.

Plano de Análise

O tratamento e a análise estatística dos dados recolhidos foram efetuados recorrendo ao programa IBM SPSS Statistics (Statistical Package for the Social Sciences). Após a limpeza da base de dados, com exclusão das participações descritas em Participantes, as pontuações globais da ECI e da ECE foram calculadas através da média dos respetivos itens, as afiliações religiosas e os concelhos de residência foram agrupados segundo a distribuição de frequências e a orientação sexual foi dicotomizada em monossexual (lésbicas e gays) e plurissexual (bissexuais e pansexuais). Calcularam-se estatísticas descritivas: frequências para as variáveis categóricas, e médias (M) e desvios-padrão (DP) para as restantes. As diferenças no consentimento interno e externo, nas formas de comunicação do consentimento e na satisfação sexual, em função do género, da orientação sexual e do estado relacional, foram analisadas através de testes t de Student para amostras independentes, tendo a homogeneidade das variâncias sido verificada através do teste de Levene e, quando violada, utilizado o teste t de Welch. Para comparar as diferentes formas de comunicação do consentimento sexual dentro de cada grupo, recorreu-se a testes *t* para amostras emparelhadas. Estimou-se o tamanho do efeito através do g de Hedges, indicado para amostras pequenas (g inferior a 0.20, desprezável; 0.20, reduzido; 0.50, moderado; 0.80, elevado). Por fim, calcularam-se as associações entre o consentimento interno, o consentimento externo, as respetivas subescalas e o indicador de satisfação sexual, através do coeficiente de correlação de Pearson (*r*). As subescalas da ECE foram analisadas com as mesmas estratégias de comparação entre grupos e de correlação.

Resultados

Diferenças nas dimensões do consentimento em função de características sociodemográficas e relacionais

Género

Através de testes t de *Student* para amostras independentes, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas no consentimento interno, $t(81) = 2.00$, $p = .048$, $g = 0.55$, com níveis superiores nas mulheres e tamanho de efeito moderado. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no consentimento externo, $t(81) = 1.10$, $p = .277$, $g = 0.30$, nem na satisfação sexual, $t(81) = 1.43$, $p = .158$, $g = 0.39$, ambos com tamanho de efeito reduzido.

Orientação Sexual

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em função da orientação sexual em nenhuma das variáveis analisadas: consentimento externo, t(81) = 0.18, p = .854, g = 0.04; consentimento interno, t(81) = -0.05, p = .963, g = -0.01; e satisfação sexual, t(81) = 0.64, p = .526, g = 0.15. Todos os tamanhos de efeito foram desprezáveis.

Estado Relacional

Participantes numa relação romântica ou de compromisso apresentaram níveis significativamente superiores de consentimento interno, t(81) = 3.81, p inferior a .001, g = 0.94, e de satisfação sexual, t(81) = 4.08, p inferior a .001, g = 1.01, ambos com tamanho de efeito elevado. Não houve diferenças no consentimento externo, t(81) = -0.54, p = .588, g = -0.13, com tamanho de efeito desprezável.

Tabela 2.

Estatísticas descritivas em função do género, orientação sexual e estado relacional

Variável	Grupo	n	ECI M (DP)	ECE M (DP)	Satisfação sexual M (DP)
Género	Mulher cis	67	3.68 (0.35)	3.20 (0.43)	6.84 (2.03)
	Homem cis	16	3.48 (0.41)	3.07 (0.48)	6.00 (2.42)
Orientação sexual	Monossexual	27	3.64 (0.34)	3.19 (0.41)	6.89 (1.85)
	Plurissexual	56	3.64 (0.39)	3.17 (0.46)	6.57 (2.25)
Estado relacional	Numa relação	61	3.73 (0.31)	3.16 (0.44)	7.20 (1.82)
	Sem relação	22	3.40 (0.42)	3.22 (0.45)	5.23 (2.25)

Associações entre Consentimento Interno e Externo e Indicador de Satisfação Sexual

Para examinar as associações entre o consentimento interno, o consentimento externo e a satisfação sexual, calcularam-se os coeficientes de correlação de Pearson (Tabela 3). O consentimento interno correlacionou-se positivamente com o consentimento externo, r = .305, p = .005 (moderada), e com a satisfação sexual, r = .475, p < .001 (moderada). O consentimento externo não se associou à satisfação sexual, r = .014, p = .898.

Tabela 3.

Matriz de correlações entre ECI, ECE e indicador de satisfação sexual

Variável	ECE	ECI	SS
Consentimento sexual externo (ECE)	—		
Consentimento sexual interno (ECI)	.305*	—	
Satisfação sexual (SS)	.014	.475**	—

*$p < .01$; **$p < .001$.

Análise das Subescalas do Consentimento Sexual Externo

As estatísticas descritivas das subescalas da ECE indicaram que os Comportamentos Não Verbais constituíram a forma mais frequente de comunicar o consentimento sexual da amostra, seguidos dos Comportamentos Passivos e da Comunicação/Iniciação, enquanto os Sinais de Não Resposta corresponderam à estratégia menos utilizada (Tabela 4).

Tabela 4.

Consistência interna e estatísticas descritivas das subescalas da ECE.

Subescala	α	*M*	*DP*
Comportamentos Não Verbais	.724	3.60	0.42
Comportamentos Passivos	.891	3.47	0.66
Comunicação/Iniciação	.690	3.26	0.62
Sinais de Não Resposta	.716	2.33	0.85

Nota. A subescala Comportamentos de Pressão Borderline foi excluída das análises devido à reduzida consistência interna (α = .53).

Diferenças nas Subescalas da ECE em Função do Género, da Orientação Sexual e do Estado Relacional

Através de testes t para amostras independentes, compararam-se as subescalas da ECE (descritivas na Tabela 5). Em função do género, os Comportamentos Não Verbais foram

superiores nas mulheres, t(81) = 2.63, p = .010, g = 0.73, com efeito moderado. Não houve diferenças nos Comportamentos Passivos, t(81) = 0.35, p = .724, g = 0.10; na Comunicação/Iniciação, t(18.59) = 0.59, p = .561, g = 0.20; nem nos Sinais de Não Resposta, t(81) = -0.55, p = .587, g = -0.15.

Em função da orientação sexual, não houve diferenças nos Comportamentos Não Verbais, t(81) = -0.29, p = .772, g = -0.07; nos Comportamentos Passivos, t(81) = 0.44, p = .660, g = 0.10; na Comunicação/Iniciação, t(81) = -0.66, p = .512, g = -0.15; nem nos Sinais de Não Resposta, t(81) = 1.87, p = .065, g = 0.44.

Em função do estado relacional, não houve diferenças nos Comportamentos Não Verbais, t(81) = 0.30, p = .769, g = 0.07; nos Comportamentos Passivos, t(81) = -0.82, p = .415, g = -0.20; na Comunicação/Iniciação, t(81) = 1.19, p = .238, g = 0.29; nem nos Sinais de Não Resposta, t(81) = -0.98, p = .331, g = -0.24.

Tabela 5.

Estatísticas descritivas das subescalas da Escala de Consentimento Externo por género

Subescala	**Total**	**Mulheres**	**Homens**
	M (*DP*)	*M* (*DP*)	*M* (*DP*)
Comportamentos não verbais	3.60 (0.42)	3.66 (0.41)	3.36 (0.40)
Comportamentos passivos	3.47 (0.66)	3.48 (0.67)	3.41 (0.61)
Comunicação/Iniciação	3.26 (0.62)	3.28 (0.57)	3.16 (0.82)
Sinais de não resposta	2.33 (0.85)	2.31 (0.84)	2.44 (0.92)

Análises Exploratórias das Subescalas da ECE

De forma exploratória, compararam-se as formas de comunicação do consentimento através de testes t para amostras emparelhadas, em função do género, do estado relacional e da orientação sexual. Em todos os subgrupos, os sinais de não resposta foram significativamente menos utilizados do que as restantes estratégias e os comportamentos não verbais a estratégia com média mais elevada. As diferenças entre comportamentos passivos e comunicação/iniciação variaram entre subgrupos, sem alterar este padrão. Sendo o género a única variável com diferenças nas subescalas, apresenta-se em detalhe apenas a análise por género.

Entre os homens, os sinais de não resposta foram menos utilizados do que os comportamentos não verbais, $t(15) = 3.84$, $p = .002$, os passivos, $t(15) = 4.02$, $p = .001$, e a comunicação/iniciação, $t(15) = 2.68$, $p = .017$. Não se observaram diferenças entre comportamentos não verbais e passivos, $t(15) = -0.40$, $p = .694$, entre não verbais e comunicação/iniciação, $t(15) = 1.14$, $p = .274$, nem entre passivos e comunicação/iniciação, $t(15) = -1.44$, $p = .170$, pelo que estas três estratégias foram utilizadas com frequência semelhante. Entre as mulheres, os comportamentos não verbais foram mais frequentes do que os passivos, $t(66) = 2.77$, $p = .007$, a comunicação/iniciação, $t(66) = 6.38$, $p<.001$, e os sinais de não resposta, $t(66) = 12.44$, $p<.001$. Os passivos foram mais frequentes do que a comunicação/iniciação, $t(66) = 2.25$, $p = .028$, e os sinais de não resposta, $t(66) = 10.20$, $p< .001$, e a comunicação/iniciação mais frequente do que os sinais de não resposta, $t(66) = 8.09$, $p < .001$. Observou-se, assim, nas mulheres, uma hierarquia definida: comportamentos não verbais, passivos, comunicação/iniciação e sinais de não resposta.

Foram ainda analisadas as associações entre as subescalas da ECE e a satisfação sexual. Nenhuma foi estatisticamente significativa: Comportamentos Não Verbais, $r = .121$, $p = .276$; Comportamentos Passivos, $r = -.063$, $p = .569$; Comunicação/Iniciação, $r = .119$, $p = .285$; Sinais de Não Resposta, $r = -.027$, $p = .807$.

Discussão

O presente estudo procurou explorar o consentimento interno e externo numa amostra de pessoas LGB, analisando a sua relação com a satisfação sexual e as diferenças em função do género, da orientação sexual e do estado relacional. Apenas o consentimento interno se associou à satisfação sexual, o estado relacional revelou diferenças com os tamanhos de efeito mais elevados e o género esteve associado a diferenças de magnitude moderada. A orientação sexual não diferenciou nenhuma das dimensões analisadas e os comportamentos não verbais foram a forma mais frequente de comunicar o consentimento externo, com diferenças de género.

A Relação entre as Dimensões do Consentimento Sexual e o Papel da Experiência Interna

A relação entre o consentimento interno e externo constitui um dos principais resultados do presente estudo. Verificou-se uma correlação positiva e moderada entre estas duas dimensões, sugerindo que, embora relacionadas, não representam aspetos equivalentes do consentimento sexual. Este resultado é consistente com estudos que identificaram associações entre os sentimentos internos de consentimento e as formas externas da sua comunicação (Jozkowski et al., 2014; Willis et al., 2019). Esta relação pode ser compreendida à luz da evidência de que cognições e experiências internas relacionadas com a sexualidade podem anteceder e orientar comportamentos sexuais (O'Sullivan & Brooks-Gunn, 2005). Especificamente no consentimento, Willis et al. (2021) verificaram que níveis mais elevados de consentimento interno prediziam níveis mais elevados de comunicação externa. Estes resultados sugerem que a experiência interna e a sua expressão externa podem estar articuladas, sem existir uma correspondência direta entre ambas. Uma pessoa pode, assim, sentir vontade ou conforto sem o expressar por todas as formas avaliadas pela ECE, tal como certos comportamentos comunicativos podem ocorrer sem que esses sentimentos estejam presentes.

Apesar da correlação entre ambos, apenas o consentimento interno se associou ao indicador de satisfação sexual. Este padrão não significa que a comunicação externa do consentimento não desempenhe um papel relevante na experiência sexual, mas poderá sugerir que os estados internos de vontade, conforto, segurança e disponibilidade estão mais diretamente relacionados com a forma como as pessoas avaliam as suas experiências sexuais. Tal como no presente estudo, Marcantonio et al. (2020) argumentam que os sentimentos internos de consentimento, mas não a comunicação externa do consentimento, estão associados à satisfação sexual. Num estudo mais recente, Marcantonio et al. (2026) não encontraram uma associação significativa entre a comunicação externa do próprio participante e a satisfação ou

o prazer, mas identificaram associações entre as pistas verbais utilizadas pela pessoa parceira e ambas as dimensões. Isto sugere que a experiência sexual poderá estar mais ligada aos sinais de consentimento recebidos da pessoa parceira do que à comunicação do próprio, o que pode ajudar a explicar a ausência de correlação entre a ECE e a satisfação sexual.

Vários estudos têm associado as dimensões do consentimento interno a experiências sexuais mais positivas e a maior satisfação sexual (Jozkowski, 2013; Jozkowski et al., 2014; Javidi et al., 2023; Opperman et al., 2014), possivelmente porque este capta estados que fazem parte da própria experiência sexual, consistente com a conceptualização de satisfação sexual como avaliação global de experiências positivas, e não apenas como ausência de conflito ou disfunção (Pascoal et al., 2014).

Estado relacional e Consentimento

Participantes numa relação apresentaram níveis significativamente superiores de consentimento interno e de satisfação sexual, ambos com tamanhos de efeito elevados, mas não diferiram no consentimento externo. Tal sugere que o contexto relacional poderá ser particularmente relevante para a experiência interna do consentimento, sem se refletir necessariamente na sua expressão externa.

Uma possível explicação relaciona-se com as características das relações de compromisso, que tendem a envolver maior intimidade do que relações sexuais não comprometidas (Lehmiller et al., 2014) e que têm sido associadas a maiores níveis de segurança e conforto durante a atividade sexual (Jozkowski et al., 2014) e de consentimento interno (Marcantonio et al., 2018; Walsh et al., 2019). O resultado na satisfação sexual é consistente com estudos que encontraram maior satisfação sexual em pessoas em relação do que em pessoas solteiras (Park & MacDonald, 2022; Fischer, 2023). Especificamente entre pessoas LGB, Pascoal et al. (2019) identificaram dimensões relacionais além de individuais na experiência de satisfação sexual, enquanto Dyar et al. (2020) encontraram uma associação entre satisfação sexual e funcionamento relacional positivo em pessoas de minorias sexuais e de género. Assim, a maior intimidade e responsividade que podem caracterizar o contexto de uma relação de compromisso poderão contribuir para uma experiência sexual mais positiva, refletindo-se tanto no consentimento interno como na satisfação sexual.

A ausência de diferenças no consentimento externo, global e nas subescalas, contrasta parcialmente com Marcantonio et al. (2018), que observaram maior utilização de comportamentos não verbais por mulheres em relações de compromisso. Contudo, Humphreys

(2007) verificou que o contexto relacional influencia sobretudo a interpretação do consentimento, sendo este mais facilmente assumido em relações previamente estabelecidas, o que poderá reduzir a perceção da necessidade de pistas explícitas. Assim, o contexto relacional parece influenciar mais a interpretação dos comportamentos de consentimento do que a sua frequência, o que poderá ajudar a compreender a ausência de diferenças na ECE. Esta leitura é, contudo, exploratória, dado que a variável estado relacional não inclui a duração, o compromisso ou a qualidade da relação.

Género e Consentimento

Relativamente ao género, as mulheres desta amostra apresentaram níveis significativamente superiores de consentimento sexual interno comparativamente aos homens. Este resultado é consistente com Javidi et al. (2023), que também encontraram níveis mais elevados de consentimento interno em mulheres. Contudo, nesse estudo, as mulheres apresentavam relações de maior duração, variável que se associou positivamente ao consentimento interno, e a amostra incluía diferentes orientações sexuais, pelo que a comparação com a presente amostra LGB deve ser interpretada com cautela.

Os resultados diferem de Jozkowski et al. (2014), que encontraram níveis superiores de consentimento interno em homens. Os autores relacionaram esta diferença com *scripts* sexuais tradicionais, que associam aos homens maior desejo e iniciativa sexual, já que se tratava de uma amostra de participantes heterossexuais. Esta explicação poderá não se aplicar da mesma forma à presente amostra LGB, uma vez que estas podem adaptar ou combinar diferentes elementos dos *scripts* sexuais em função do contexto relacional e do género da pessoa parceira (Tarantino & Wesche, 2025). De forma mais específica, Tarantino e Wesche (2025) identificaram, entre mulheres LGB+, uma maior centralidade da confiança no estabelecimento de novas relações sexuais, elemento que poderá estar relacionado com dimensões internas como segurança, conforto avaliadas pela ECI. Estas relações devem, contudo, ser interpretadas de forma exploratória, uma vez que os *scripts* sexuais, o género da pessoa parceira e a importância atribuída à confiança não foram avaliados diretamente no presente estudo.

Outra possibilidade para o resultado na ECI relaciona-se com a socialização de género. Normas tradicionais de masculinidade podem desencorajar a identificação e expressão de emoções e vulnerabilidade, enquanto as mulheres tendem a ser socializadas para uma maior expressividade emocional (Levant & Parent, 2019). Estas diferenças poderão influenciar o

reconhecimento de estados internos relacionados com desejo, conforto ou vontade e, consequentemente, contribuir para as diferenças observadas no consentimento interno.

No geral, à semelhança de estudos anteriores, os comportamentos não verbais foram a forma de comunicação mais frequentemente utilizada na amostra, resultado igualmente observado por Beres et al. (2004) em relações entre pessoas do mesmo sexo. A maior frequência destes comportamentos poderá refletir a sua integração direta na interação sexual, enquanto formas verbalmente explícitas podem ser percebidas como menos espontâneas ou menos congruentes com determinados *scripts* sexuais (Humphreys, 2007; Humphreys & Herold, 2007).

No entanto, observaram-se diferenças de género ao nível dos comportamentos não verbais, mais reportados pelas mulheres. Jozkowski e Wiersma (2015), numa amostra heterossexual, encontraram maior utilização, por parte dos homens, de sinais não verbais diretos, de comportamentos de iniciação e de comportamentos passivos, enquanto as mulheres recorreram mais a pistas verbais, nomeadamente responder verbalmente quando questionadas. Os autores relacionaram estes padrões com *scripts* sexuais tradicionais, que associam aos homens um papel mais ativo na iniciação sexual e às mulheres um papel mais recetivo. Na presente amostra LGB, esta organização não se reproduziu: as mulheres reportaram mais comportamentos não verbais, e não se observaram diferenças nos comportamentos passivos nem na comunicação/iniciação, o que é consistente com a maior diversidade na organização dos papéis sexuais descrita em populações LGB, como uma maior iniciação sexual por parte de mulheres em relações com outras mulheres (Gonzalez-Rivas & Peterson, 2020) e *scripts* específicos entre homens gays que não seguem o modelo heterossexual de iniciativa masculina (Webber et al., 2024). Entre as mulheres observou-se uma hierarquia clara das estratégias (não verbais, passivos, comunicação/iniciação e, por fim, sinais de não resposta), enquanto entre os homens as três primeiras foram usadas com frequência semelhante, o que sugere uma organização diferenciada da comunicação em função do género.

O género pareceu constituir uma dimensão mais relevante do que a orientação sexual para as diferenças observadas no consentimento. Isto é consistente com a centralidade do género nos *scripts* sexuais tradicionais e com o estudo de McKenna et al. (2021), em que o género prediz comportamentos de consentimento entre pessoas de minorias sexuais. Esta interpretação deve, contudo, ser feita com cautela, dada a composição desigual da amostra a este nível.

Orientação Sexual e Consentimento em Pessoas LGB

Não foram identificadas diferenças entre participantes monossexuais e plurissexuais no consentimento interno e externo nem na satisfação sexual, com tamanhos de efeito desprezáveis, em linha com Walsh et al. (2019) e Marcantonio & Willis (2022).

Várias razões podem explicar este resultado. Em primeiro lugar, o consentimento apresenta elevada variabilidade intraindividual entre experiências (Willis et al., 2021), pelo que nenhuma característica individual, incluindo a orientação sexual, tenderá a explicar, isoladamente, uma grande parte dessa variação. Além disso, o agrupamento em monossexuais e plurissexuais pode ter ocultado especificidades, quer por reunir identidades muito distintas, quer pelo facto de as pessoas bissexuais e pansexuais poderem ter *scripts* específicos, nomeadamente em função do género da pessoa parceira (Dickman et al., 2025), fator que não foi analisado.

Por fim, o número reduzido de participantes limita o poder para detetar efeitos pequenos, pelo que a ausência de diferenças não permite concluir que a orientação sexual seja irrelevante. Pessoas LGB podem estar expostas a processos de estigma, discriminação e ocultação da identidade, com possíveis implicações para o bem-estar e as dinâmicas relacionais (Meyer, 2003; Rostosky & Riggle, 2017), e as suas experiências sexuais podem envolver a adaptação ou reconstrução de *scripts* sexuais em resposta a normas heteronormativas (Tarantino & Wesche, 2025), que não se refletem necessariamente nas medidas de consentimento utilizadas. Importa, por isso, considerar a diversidade interna da população LGB e as características de cada contexto relacional.

Limitações, Implicações e Sugestões Futuras

Os resultados devem ser interpretados à luz de algumas limitações. O número reduzido de participantes, obtido por amostragem de conveniência, reduz a robustez e o poder das comparações, em particular no género e no estado relacional, e a predominância de participantes jovens, mulheres cisgénero e estudantes limita a generalização a pessoas LGB de outras idades, contextos socioeconómicos e experiências relacionais. A dicotomização da orientação sexual (monossexual e plurissexual) limitou a análise de identidades específicas, e o reduzido número de homens impediu explorar diferenças de género dentro de cada grupo de orientação. Foram ainda excluídas pessoas trans e não binárias, pelo que os resultados não permitem compreender as suas experiências de consentimento, que poderão envolver fatores específicos como identidade de género, estigma e dinâmicas relacionais próprias.

A utilização exclusiva de medidas de autorrelato poderá ter conduzido a enviesamentos de desejabilidade social, sobretudo num tema sensível. As escalas referiam-se à última experiência sexual, o que pode não representar a totalidade das experiências de consentimento ou das dinâmicas relacionais. O carácter transversal do estudo não permite estabelecer relações de causalidade nem determinar a direção ou os mecanismos das associações encontradas entre o consentimento interno, a satisfação sexual e o estado relacional.

Deve ainda ser considerada a utilização de instrumentos que, apesar de apresentarem propriedades psicométricas adequadas no presente estudo, não foram especificamente validados para populações LGBTI+ portuguesas. Embora tenha sido realizada uma adaptação linguística dos instrumentos, é necessária investigação adicional sobre a validade destas medidas neste contexto. Ainda que uma das subescalas da ECE tenha sido eliminada por apresentar baixa consistência interna, a subescala Comunicação/Iniciação que foi mantida apresentou uma consistência interna ligeiramente inferior ao valor recomendado ($\alpha = .690$), pelo que as interpretações exigem cautela. A remoção de um item da ECI, apesar de ter melhorado a consistência interna, pode afetar a comparabilidade com estudos anteriores. Além disso, a satisfação sexual foi avaliada por um único item, criado para o protocolo original e sem validação psicométrica, o que não capta o carácter multidimensional deste construto.

O carácter exploratório e o número de análises aumentam a probabilidade de erro tipo I. Não se aplicou correção para comparações múltiplas, e resultados próximos do limiar, como a diferença de género no consentimento interno ($p = .048$) devem ser interpretados com cautela. Assim, os resultados devem ser entendidos como indicadores iniciais e requerem replicação em amostras maiores.

Apesar destas limitações, o presente estudo apresenta contributos relevantes para a investigação sobre consentimento sexual. Os resultados reforçam a sua natureza multidimensional e vão ao encontro de abordagens que o exploram para além da mera prevenção da violência, integrando autonomia, comunicação, competências relacionais e bem-estar sexual (Burton et al., 2023; Goldfarb & Lieberman, 2021). É relevante discutir as implicações para a educação sexual. Promover o consentimento não deverá passar apenas por ensinar a comunicar um "sim" ou um "não", mas também por desenvolver a capacidade de reconhecer os próprios desejos, limites, conforto e desconforto. A consciencialização sobre *scripts* sexuais e a desconstrução de estereótipos de género assumem, assim, uma grande importância como estratégia preventiva, tendo em conta a investigação que argumenta que a culpabilização das vítimas e a desvalorização da gravidade da violência sexual parecem ser

particularmente acentuadas em situações que envolvem vítimas e agressores do mesmo género (Trottier et al., 2025). A escola poderá constituir, neste sentido, um espaço privilegiado para abordar estas questões desde cedo.

Os currículos de educação sexual nas escolas continuam frequentemente estruturados a partir de referências heteronormativas, limitando a representação de pessoas LGBTI+ e revelando lacunas na formação e nos recursos disponíveis para profissionais (O'Farrell et al., 2021). Jovens de minorias sexuais e de género relatam conteúdos de educação sexual que não contemplam adequadamente as suas experiências (Hobaica & Kwon, 2017). Tornar estas experiências visíveis é essencial para que situações de violência, desconforto ou pressão sexual sejam reconhecidas independentemente da identidade ou orientação sexual, contribuindo para relações mais igualitárias e para a desconstrução de atitudes homofóbicas e transfóbicas (Goldfarb & Lieberman, 2021; Gegenfurtner & Gebhardt, 2017).

Estudos futuros poderão explorar características como o género da pessoa parceira, a duração e a qualidade da relação, bem como as subdimensões da ECI. Recomendam-se abordagens qualitativas e longitudinais para compreender como o consentimento é interpretado e negociado ao longo do tempo e em diferentes contextos, assim como o papel dos *scripts* sexuais nas interações sexuais e no consentimento. São necessárias amostras maiores e mais diversificadas, incluindo pessoas trans e não binárias, frequentemente sub-representadas na investigação. Será ainda pertinente validar instrumentos de consentimento para o contexto português e utilizar medidas validadas de satisfação sexual, o que permitirá uma avaliação mais sensível das diferentes dimensões.

Conclusão

Os resultados deste estudo sugerem que o consentimento sexual não se esgota na sua comunicação: é a experiência interna de querer e de sentir conforto que parece associar-se à avaliação da vida sexual, surgindo ligada ao contexto relacional e ao género, e não diferenciada pela orientação sexual. Num campo construído sobretudo a partir de amostras heterossexuais e cisgénero, este estudo contribui com evidência exploratória sobre pessoas LGB em Portugal, ainda pouco representadas, e indica que os modelos existentes poderão ser, em parte, aplicáveis a estas pessoas, desde que atentos aos contextos em que o consentimento é vivido.

Estudar esta população não implica pressupor que vive o consentimento de forma distinta, mas reconhecer que a sua compreensão, e as práticas educativas e preventivas que dela

derivam, devem contemplar a diversidade de experiências e garantir que todas têm lugar na ciência.

Referências

Althof, S. E., Buvat, J., Gutkin, S. W., McCabe, M. P., Nguyen, H. M. T., & Zorn, K. C. (2010). Sexual satisfaction in men and women: A literature review. *Sexual Medicine Reviews*, *2*(2), 75–85. https://doi.org/10.1111/j.1743-6109.2010.00115.x

Armstrong, E. A., Hamilton, L., & Sweeney, B. (2006). Sexual assault on campus: A multilevel, integrative approach to party rape. *Social Problems*, 53(4), 483–499. https://doi.org/10.1525/sp.2006.53.4.483

Beres, M. A. (2014). Rethinking the concept of consent for anti-sexual violence activism and education. *Feminist Theory*, *15*(3), 373–389. https://doi.org/10.1177/0959353514539652

Beres, M. A., Herold, E. S., & Maitland, S. B. (2004). Sexual consent behaviors in same-sex relationships. *Archives of Sexual Behavior*, *33*, 475–486. https://doi.org/10.1023/B:ASEB.0000037428.41757.10

Breiding M., Basile K., Smith S., Black, M., & Mahendra, R. (2016). *Intimate partner violence surveillance: Uniform definitions and recommended data elements.* Centers for Disease Control and Prevention (CDC).

Buggs, S. G., & Hoppe, T. (Eds.). (2023). *Unsafe Words: Queering Consent in the #MeToo Era*. Rutgers University Press.

Burkett, M., & Hamilton, L. (2012). Postfeminist sexual agency: Young women's negotiations of sexual consent. *Sexualities*, *15*(7), 815–833. https://doi.org/10.1177/1363460712454076

Burton, O., Rawstorne, P., Watchirs-Smith, L., Nathan, S., & Carter, A. (2023). Teaching sexual consent to young people in education settings: A narrative systematic review. *Sex Education*, *23*(1), 18–34. https://doi.org/10.1080/14681811.2021.2018676

Byers, E. S. (1996). How well does the traditional sexual script explain sexual coercion? Review of a program of research. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, *8*(1–2), 7–25. https://doi.org/10.1300/J056v08n01_02

Byers, E. S. (2013). Beyond the birds and the bees and was it good for you? Thirty years of research on sexual communication. *Canadian Psychology/Psychologie canadienne*, *54*(1), 20–28. https://doi.org/10.1037/a0030488

De Heer, B. (2023). "What do I call this?": The role of consent in LGBTQA+ sexual practices and victimization experiences. In M. Beres, K. Jozkowski, & S. Gilbert (Eds.), *Consent: Gender, power and subjectivity* (pp. 75–87). Routledge. https://doi.org/10.4324/9781003358756-8

De Heer, B., Brown, M., & Cheney, J. (2021). Sexual consent and communication among the sexual minoritized: The role of heteronormative sex education, trauma, and dual identities. *Feminist Criminology*, *16*(5), 701–721. https://doi.org/10.1177/15570851211034560

Dickman, K., Wetzel, G. M., & Sanchez, D. T. (2025). The role of partner gender: How expectations for clitoral stimulation and orgasm shape orgasm goal pursuit for heterosexual, lesbian, and bisexual women. *Social Psychological and Personality Science*, *16*, 495–506. https://doi.org/10.1177/19485506241235235

Dyar, C., Newcomb, M. E., Mustanski, B., & Whitton, S. W. (2020). A structural equation model of sexual satisfaction and relationship functioning among sexual and gender minority individuals assigned female at birth in diverse relationships. *Archives of Sexual Behavior*, *49*(2), 693–710. https://doi.org/10.1007/s10508-019-1403-z

Edenfield, A. C. (2019). Queering consent: Design and sexual consent messaging. Communication Design Quarterly Review, 7(2), 50–63. https://doi.org/10.1145/3358931.3358938

Edgar, T., & Fitzpatrick, M. A. (1993). Expectations for sexual interaction: A cognitive test of the sequencing of sexual communication behaviors. Health Communication, 5(4), 239–261. https://doi.org/10.1207/s15327027hc0504_1

Eisenberg, M. E., Lust, K., Mathiason, M. A., & Porta, C. M. (2017). Sexual assault, sexual orientation, and reporting among college students. *Journal of Interpersonal Violence, 36*(1–2), 62–82. https://doi.org/10.1177/0886260517726414

Endendijk, J. J., van Baar, A. L., & Deković, M. (2020). He is a stud, she is a slut! A meta-analysis on the continued existence of sexual double standards. *Personality and Social Psychology Review*, *24*(2), 163–190. https://doi.org/10.1177/1088868319891310

Fischer, N. (2023). Singles not sexually satisfied? Prevalence and predictors of sexual satisfaction in single versus partnered adults. *International Journal of Sexual Health, 35*(4), 515–528. https://doi.org/10.1080/19317611.2023.2241849

Ford, J. V., & Becker, A. (2020). A situation where there aren't rules: Unwanted sex for gay, bisexual, and questioning men. *Sociological Science*, *7*, 57–74. https://doi.org/10.15195/v7.a3

Gegenfurtner, A., & Gebhardt, M. (2017). Sexuality education including lesbian, gay, bisexual, and transgender (LGBT) issues in schools. *Educational Research Review*, *22*, 215–222. https://doi.org/10.1016/j.edurev.2017.10.002

Goldfarb, E. S., & Lieberman, L. D. (2021). Three decades of research: The case for comprehensive sex education. *Journal of Adolescent Health*, *68*(1), 13–27. https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.07.036

Gonzalez-Rivas, S. K., & Peterson, Z. D. (2020). Women's sexual initiation in same- and mixed-sex relationships: How often and how? *The Journal of Sex Research*, *57*(3), 335–350. https://doi.org/10.1080/00224499.2018.1489489

Hall, D. S. (1998). Consent for sexual behavior in a college student population. *Electronic Journal of Human Sexuality*, *1*(10), 1-16.

Harris, E. A., Morgenroth, T., Crone, D. L., Morgenroth, L., Gee, I., & Pan, H. (2024). Sexual consent norms in a sexually diverse sample. *Archives of Sexual Behavior, 53*(2), 577–592. https://doi.org/10.1007/s10508-023-02741-0

Hickman, S. E., & Muehlenhard, C. L. (1999). "By the semi-mystical appearance of a condom": How young women and men communicate sexual consent in heterosexual situations. Journal of Sex Research, 36(3), 258–272. https://doi.org/10.1080/00224499909551996

Higgins, J. A., Trussell, J., Moore, N. B., & Davidson, K. J. (2010). The language of love?—Verbal versus implied consent at first heterosexual intercourse: Implications for

contraceptive use. *American Journal of Health Education*, *41*(4), 218–230. https://doi.org/10.1080/19325037.2010.10599148

Hirsch, J. S., Khan, S. R., Wamboldt, A., & Mellins, C. A. (2019). Social dimensions of sexual consent among cisgender heterosexual college students: Insights from ethnographic research. *Journal of Adolescent Health*, *64*(1), 26–35. https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2018.06.011

Hobaica, S., & Kwon, P. (2017). "This Is How You Hetero:" Sexual Minorities in Heteronormative Sex Education. American Journal of Sexuality Education, 12(4), 423–450. https://doi.org/10.1080/15546128.2017.1399491

Hoppe, T. (2011). Circuits of power, circuits of pleasure: Sexual scripting in gay men's bottom narratives. *Sexualities*, *14*(2), 193–211. https://doi.org/10.1177/1363460711399035

Humphreys, T. P. (2007). Perceptions of sexual consent: The impact of relationship history and gender. *Journal of Sexual Aggression*, *13*(2), 123–135. https://doi.org/10.1080/13552600701319196

Humphreys, T. P., & Herold, E. S. (2007). Sexual consent in heterosexual relationships: Development of a new measure. *Sex Roles*, *57*(3–4), 305–315. https://doi.org/10.1007/s11199-007-9264-7

Javidi, H., Widman, L., Evans-Paulson, R., & Lipsey, N. (2023). Internal consent, affirmative external consent, and sexual satisfaction among young adults. *The Journal of Sex Research*, *60*(8), 1148–1158. https://doi.org/10.1080/00224499.2022.2048628

Jozkowski, K. N. (2013). The influence of consent on college students' perceptions of the quality of sexual intercourse at last event. *International Journal of Sexual Health*, *25*(4), 260–272. https://doi.org/10.1080/19317611.2013.799626

Jozkowski, K. N., & Peterson, Z. D. (2013). College students and sexual consent: Unique insights. *Journal of Sex Research*, *50*(6), 517–523. https://doi.org/10.1080/00224499.2012.700739

Jozkowski, K. N., Sanders, S. A., Peterson, Z. D., Dennis, B., & Reece, M. (2014). Consenting to sexual activity: The development and psychometric assessment of dual measures of

consent. *Archives of Sexual Behavior*, *43*, 437–450. https://doi.org/10.1007/s10508-013-0225-7

Jozkowski, K. N., & Wiersma, J. D. (2015). Does drinking alcohol prior to sexual activity influence college students' consent? *International Journal of Sexual Health*, *27*(2), 156–174. https://doi.org/10.1080/19317611.2014.951505

Kim, J. L., Sorsoli, C. L., Collins, K., Zylbergold, B. A., Schooler, D., & Tolman, D. L. (2007). From sex to sexuality: Exposing the heterosexual script on prime-time network television. *Journal of Sex Research*, 44(2), 145–157. https://doi.org/10.1080/00224490701263660

Klinkenberg, D., & Rose, S. (1994). Dating scripts of gay men and lesbians. *Journal of Homosexuality*, *26*(4), 23–35. https://doi.org/10.1300/J082v26n04_02

Kruttschnitt, C., Kalsbeek, W. D., & House, C. C. (2014). *Estimating the incidence of rape and sexual assault*. The National Academies Press. https://doi.org/10.17226/18605

Lehmiller, J. J., VanderDrift, L. E., & Kelly, J. R. (2014). Sexual communication, satisfaction, and condom use behavior in friends with benefits and romantic partners. *The Journal of Sex Research*, *51*(1), 74–85. https://doi.org/10.1080/00224499.2012.719167

Levant, R. F., & Parent, M. C. (2019). The development and evaluation of a brief form of the Normative Male Alexithymia Scale (NMAS-BF). Journal of Counseling Psychology, 66(2), 224–233. https://doi.org/10.1037/cou0000312

Marcantonio, T. L., Jozkowski, K. N., van Nostrand, V., Leroux, S., & White, S. (2026). Examining how internal and external consent relate to sexual satisfaction and pleasure. Journal of Sex Research, 1–12. https://doi.org/10.1080/00224499.2026.2696546

Marcantonio, T. L., Jozkowski, K. N., & Wiersma-Mosley, J. (2018). The influence of partner status and sexual behavior on college women's consent communication and feelings. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 44(8), 776–786. https://doi.org/10.1080/0092623X.2018.1488328

Marcantonio, T. L., O'Neil, A. M., & Jozkowski, K. N. (2022). Sexual consent cues among sexual minority men in the United States. Psychology & Sexuality, 13(4), 863–879. https://doi.org/10.1080/19419899.2021.1936141

Marcantonio, T. L., & Willis, M. (2022). Examining substance-involved sexual experiences and consent communication by sexual identity. Psychology & Sexuality, 14(1), 279–293. https://doi.org/10.1080/19419899.2022.2106884

Marcantonio, T. L., Willis, M., & Jozkowski, K. N. (2020). Women's sexual consent: Potential implications for sexual satisfaction. Current Sexual Health Reports, 12(3), 120–126. https://doi.org/10.1007/s11930-020-00267-3

Masters, N. T., Casey, E., Wells, E. A., & Morrison, D. M. (2013). Sexual scripts among young heterosexually active men and women: Continuity and change. *The Journal of Sex Research*, *50*(5), 522–531. https://doi.org/10.1080/00224499.2012.661102

McClelland, S. I. (2010). Intimate justice: A critical analysis of sexual satisfaction. *Social and Personality Psychology Compass*, *4*(9), 663–680. https://doi.org/10.1111/j.1751-9004.2010.00293.x

McKenna, J. L., Roemer, L., & Orsillo, S. M. (2021). Predictors of sexual consent attitudes, beliefs, and behaviors among sexual minority cisgender and nonbinary young adults. *Sex Roles*, *85*(5), 391–404. https://doi.org/10.1007/s11199-021-01226-5

McKenna, J. L., Roemer, L., & Orsillo, S. M. (2022). Gender and sexual minority status as predictors of sexual consent attitudes among cisgender young adults. *Psychology & Sexuality, 13*(5), 1288–1302. https://doi.org/10.1080/19419899.2021.2018354

McKie, R. M., Skakoon-Sparling, S., Levere, D., Sezlik, S., & Humphreys, T. P. (2020). Is there space for our stories? An examination of North American and Western European gay, bi, and other men who have sex with men's non-consensual sexual experiences. *Journal of Sex Research*, *57*(8), 1014–1025. https://doi.org/10.1080/00224499.2020.1767023

Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, *129*(5), 674–697. https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674

Muehlenhard, C. L., Humphreys, T. P., Jozkowski, K. N., & Peterson, Z. D. (2016). The complexities of sexual consent among college students: A conceptual and empirical review. *Journal of Sex Research*, *53*(4–5), 457–487. https://doi.org/10.1080/00224499.2016.1146651

Mutchler, M. G. (2000). Young gay men's stories in the states: Scripts, sex, and safety in the time of AIDS. *Sexualities*, *3*(1), 31–54. https://doi.org/10.1177/136346000003001002

O'Farrell, M., Corcoran, P., & Davoren, M. P. (2021). Examining LGBTI+ inclusive sexual health education from the perspective of both youth and facilitators: A systematic review. *BMJ Open*, *11*(9), Article e047856. https://doi.org/10.1136/bmjopen-2020-047856

Opperman, E., Braun, V., Clarke, V., & Rogers, C. (2014). "It feels so good it almost hurts": Young adults' experiences of orgasm and sexual pleasure. *The Journal of Sex Research, 51*(5), 503–515. https://doi.org/10.1080/00224499.2012.753982

Orchowski, L. M., Oesterle, D. W., Moreno, O., Yusufov, M., Berkowitz, A., Abbey, A., Barnett, N. P., & Borsari, B. (2022). A qualitative analysis of sexual consent among heavy-drinking college men. *Journal of Interpersonal Violence*, *37*(7–8), NP5566–NP5593. https://doi.org/10.1177/0886260520958658

O'Sullivan, L. F., & Brooks-Gunn, J. (2005). The timing of changes in girls' sexual cognitions and behaviors in early adolescence: A prospective, cohort study. *Journal of Adolescent Health*, *37*(3), 211–219. https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2004.08.019

Park, Y., & MacDonald, G. (2022). Single and partnered individuals' sexual satisfaction as a function of sexual desire and activities: Results using a sexual satisfaction scale demonstrating measurement invariance across partnership status. *Archives of Sexual Behavior*, *51*(1), 547–564. https://doi.org/10.1007/s10508-021-02153-y

Pascoal, P. M., Narciso, I. S. B., & Pereira, N. M. (2014). What is sexual satisfaction? Thematic analysis of lay people's definitions. *The Journal of Sex Research*, *51*(1), 22–30. https://doi.org/10.1080/00224499.2013.815149

Pascoal, P. M., Shaughnessy, K., & Almeida, M. J. (2019). A thematic analysis of a sample of partnered lesbian, gay, and bisexual people's concepts of sexual satisfaction. *Psychology & Sexuality*, *10*(2), 101–118. https://doi.org/10.1080/19419899.2018.1555185

Peterson, Z. D., & Muehlenhard, C. L. (2007). Conceptualizing the "wantedness" of women's consensual and nonconsensual sexual experiences: Implications for how women label their experiences with rape. *The Journal of Sex Research*, *44*(1), 72–88. https://doi.org/10.1080/00224490709336794

Rittenhour, K., & Sauder, M. (2024). Identifying the impact of sexual scripts on consent negotiations. The Journal of Sex Research, 61(3), 454–465. https://doi.org/10.1080/00224499.2023.2182266

Rodgers, K. B., Hust, S. J. T., Li, J., Kang, S., & Garcia, A. L. (2023). Sexual scripts and sexual consent: Gender stereotypes, music-media messages, and sexual consent expectancies among college men and women. Journal of Interpersonal Violence, 38(15–16), 9264–9289. https://doi.org/10.1177/08862605231165766

Rostosky, S. S., & Riggle, E. D. B. (2017). Same-sex relationships and minority stress. *Current Opinion in Psychology*, *13*, 29–38. https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.04.011

Sakaluk, J. K., Todd, L. M., Milhausen, R. R., & Lachowsky, N. J. (2014). Dominant heterosexual sexual scripts in emerging adulthood: Conceptualization and measurement. *The Journal of Sex Research*, *51*(5), 516–531. https://doi.org/10.1080/00224499.2013.867289

Seal, D. W., & Ehrhardt, A. A. (2003). Heterosexual men's sexual practices and expectations: A review. *Journal of Sex Research*, *40*(2), 115–126. https://doi.org/10.1080/00224490309552175

Simon, W., & Gagnon, J. H. (1973). *Sexual conduct: The social sources of human sexuality*. Aldine.

Simon, W., & Gagnon, J. H. (1986). Sexual scripts: Permanence and change. *Archives of Sexual Behavior*, *15*(2), 97–120. https://doi.org/10.1007/BF01542219

Simon, W., & Gagnon, J. H. (2003). Sexual scripts: Origins, influences and changes. *Qualitative Sociology*, *26*(4), 491–497. https://doi.org/10.1023/B:QUAS.0000005053.99846.E5

Sprecher, S. (2002). Sexual satisfaction in premarital relationships: Associations with satisfaction, love, commitment, and stability. *The Journal of Sex Research*, *39*(3), 190–196. https://doi.org/10.1080/00224490209552141

Sternin, S., McKie, R. M., Winberg, C., Travers, R. N., Humphreys, T. P., & Reissing, E. D. (2021). Sexual consent: Exploring the perceptions of heterosexual and non-heterosexual men. Psychology & Sexuality, 1–23. https://doi.org/10.1080/19419899.2021.1879911

Sun, C., Bridges, A., Johnson, J. A., & Ezzell, M. B. (2016). Pornography and the male sexual script: An analysis of consumption and sexual relations. *Archives of Sexual Behavior*, *45*, 983–994. https://doi.org/10.1007/s10508-014-0391-2

Tarantino, M. R., & Wesche, R. (2025). Queering cisgender LGB+ women's sexual health scripts. *The Journal of Sex Research*, *62*(4), 487–499. https://doi.org/10.1080/00224499.2024.2323742

Thomé, C. (2025). Hierarchies in heterosexuality: Orgasms, intercourse and sexual scripts. *Sexualities*, 28(1–2), 283–300. https://doi.org/10.1177/13634607231193347

Torenz, R. (2021). The politics of affirmative consent: Considerations from a gender and sexuality studies perspective. *German Law Journal*, *22*(5), 718–733. https://doi.org/10.1017/glj.2021.33

Trottier, D., Laviolette, V., Tuzi, I., & Benbouriche, M. (2025). The effect of gender role expectations, sexism, and rape myth acceptance on the social perception of sexual violence: A meta-analysis. *Trauma, Violence, & Abuse*, *27*(4), 1270-1286. https://doi.org/10.1177/15248380251343190

Walsh, K., Honickman, S., Valdespino-Hayden, Z., & Lowe, S. R. (2019). Dual measures of sexual consent: A confirmatory factor analysis of the internal consent scale and external consent scale. *Journal of Sex Research*, *56*(6), 802–810. https://doi.org/10.1080/00224499.2019.1581882

Ward, L. M., Rosenscruggs, D., & Aguinaldo, E. R. (2022). A scripted sexuality: Media, gendered sexual scripts, and their impact on our lives. *Current Directions in Psychological Science*, *31*(4), 369-374. https://doi.org/10.1177/09637214221101072

Webber, V., McCready, S., Yurkovich, C., Dietzel, C., Feicht, B., Joy, P., Holmes, D., & Numer, M. (2024*).* Are queer men queering consent? A scoping review of sexual consent literature among gay, bisexual, trans, and queer men. *International Journal of Sexual Health*, 36(3), 359–383. https://doi.org/10.1080/19317611.2024.2360727

Willis, M., Blunt-Vinti, H. D., & Jozkowski, K. N. (2019). Associations between internal and external sexual consent in a diverse national sample of women. *Personality and Individual Differences*, *149*, 37–45. https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.05.029

Willis, M., Canan, S. N., Jozkowski, K. N., & Bridges, A. J. (2020). Sexual consent communication in best-selling pornography films: A content analysis. *The Journal of Sex Research, 57*(1), 52–63. https://doi.org/10.1080/00224499.2019.1655522

Willis, M., & Jozkowski, K. N. (2019). Sexual precedent's effect on sexual consent communication. *Archives of Sexual Behavior*, *48*(6), 1723-1734. https://doi.org/10.1007/s10508-018-1348-7

Willis, M., & Jozkowski, K. N. (2022). Sexual consent perceptions of a fictional vignette: A latent growth curve model. *Archives of Sexual Behavior*, *51*, 797–809. https://doi.org/10.1007/s10508-021-02048-y

Willis, M., Jozkowski, K. N., Bridges, A. J., Veilleux, J. C., & Davis, R. E. (2021). Assessing the within-person variability of internal and external sexual consent. *The Journal of Sex Research*, *58*(9), 1173–1183. https://doi.org/10.1080/00224499.2021.1913567

Willis, M., Jozkowski, K. N., & Marcantonio, T. L. (2022). Testing the Internal Consent Scale for measurement invariance across women and men. *Sex Roles, 86*(11–12), 711–721. https://doi.org/10.1007/s11199-022-01287-0

World Health Organization. (2006). *Defining sexual health: Report of a technical consultation on sexual health*, 28–31 January 2002, Geneva. World Health Organization.

Worsdale, A., & Kosenko, K. A. (2024). Meanings and dilemmas of consent communication for sexual minorities. *Communication Monographs*, *91*(4), 503-523. https://doi.org/10.1080/03637751.2024.2304239

Anexos

Anexo 1

CARTA DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Convidamos a responder a um questionário, no âmbito de um estudo internacional sobre **Consentimento Sexual**. Este estudo está a ser realizado no âmbito de duas dissertações de Mestrado em Psicologia na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, e liderado pelas pessoas investigadoras Prof. Pedro Alexandre Costa e Prof. Ana **Quinta** Gomes do Centro de Investigação da Universidade do Porto da mesma faculdade.
Este estudo destina-se a pessoas que já tiveram **pelo menos uma relação sexual** e que tenham **mais de 18 anos**.

O que implica a sua participação?
Se decidir participar, ser-lhe-á pedido que preencha alguns questionários, com uma duração estimada de **15 minutos**. Estes incluem questões sobre experiências, crenças e comportamentos relacionados com a sexualidade e o consentimento sexual.

Procedimentos Éticos

- **Anonimato**: O questionário é totalmente anónimo. Não lhe serão pedidos quaisquer dados que permitam a sua identificação pessoal.
- **Confidencialidade**: As suas respostas são inteiramente confidenciais. Os dados recolhidos serão agregados com os de todas as pessoas participantes para análise estatística, o que torna impossível a identificação individual em qualquer fase do estudo.
- **Participação voluntária e Possibilidade de desistência**: A sua participação é totalmente voluntária. É livre para recusar participar ou para desistir em qualquer momento, sem necessidade de justificação e sem quaisquer consequências. A desistência só é possível até ao momento da submissão do questionário, depois de submeter as suas respostas não será possível identificar o seu questionário.
- **Comissão de Ética**: Este estudo obteve parecer favorável por parte da Comissão de Ética da FPCEUP.
- **Disseminação dos resultados**: Os resultados deste estudo poderão ser usados em artigos científicos e apresentações em conferências e eventos científicos. O anonimato

e a confidencialidade serão sempre assegurados. As pessoas participantes poderão aceder aos seus resultados individuais

Proteção e Utilização dos Dados

- Apenas a equipa de investigação terá acesso aos dados recolhidos, que serão armazenados em suporte informático, numa pasta encriptada com palavra-passe. Os resultados globais do estudo (nunca os seus dados individuais) poderão ser divulgados em apresentações de eventos académicos e científicos.

Possíveis Riscos e Benefícios

- **Riscos**: A participação neste estudo não prevê riscos físicos ou psicológicos acrescidos. No entanto, dado o teor sensível de algumas questões, é possível que possa experienciar algum desconforto ou stress emocional ao refletir sobre estas temáticas. Caso isto ocorra, pode utilizar os contactos úteis disponibilizados em seguida assim como na última página deste questionário.
- **Benefícios**: Não existem benefícios diretos pela sua participação. Contudo, a sua contribuição é valiosa para aumentar o conhecimento científico sobre a área da sexualidade e consentimento sexual.

Contactos Úteis

Se experienciar algum mal-estar durante a sua participação no estudo, ou se necessitar de apoio relacionado com as temáticas abordadas, pode contactar os seguintes serviços:

APF – Associação para o Planeamento da Família

- Serviço Sexualidade em Linha: 800 222 003
- Website: https://apf.pt

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

- Linha Nacional Gratuita: 116 006
- Website: https://www.apav.pt

Casa Qui – Associação de Solidariedade Social

- Gabinete de Apoio à Vítima - Juventude LGBTI: 93 454 13 63

- Linha Violência no Namoro: 800 202 148
- Website: https://www.casa-qui.pt

ILGA Portugal

- Website: https://www.ilga-portugal.pt
- Linha de Apoio LGBTI+: 218 873 922 (fixo) / 969 239 229 (telemóvel)

UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta

- Linha SOS Mulher: 808 200 175
- Website: https://www.umar.pt

SNS 24 – Serviço Nacional de Saúde

- Linha telefónica de apoio: 808 24 24 24

Contactos da Equipa de Investigação

Se tiver dúvidas sobre o estudo ou algum problema, não hesite em contactar

- Investigadoras: Bárbara Mota [up202107568@up.pt]; Beatriz Bernardes [up202105573@up.pt]
- Pessoas Orientadoras: Prof. Ana Quinta Gomes [anagomes@fpce.up.pt] Prof. Pedro Alexandre Costa, [pacosta@fpce.up.pt]

Anexo 2

Parecer favorável ao projeto da Comissão de Ética da FPCEUP

U.PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

COMISSÃO DE ÉTICA

PARECER (Ref.ª 2025-11-11)

A Comissão de Ética (CdE) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, tendo apreciado os documentos do projeto de investigação denominado **"Consentimento sexual em pessoas jovens portuguesas"**, submetidos para apreciação ética por **Bárbara Maia Mota, Beatriz de Sousa Bernardes** e com orientação do **Prof. Doutor Pedro Costa e da Profª Doutora Ana Gomes**, na reunião nº 10/CdE/2025, de 12 e 19 de novembro, emitiu um **Parecer Favorável** à realização da pesquisa.

A CdE recomenda:

1- que sejam preparadas formas de divulgação dos resultados globais, acessíveis e adaptados aos participantes, e seja explicitado o acesso a estas formas de divulgação na Carta de Consentimento Informado, visto que os artigos e comunicações científicas não são formas adequadas de retorno para a maioria dos participantes.

2- que seja suprimido, na Carta de Consentimento Informado (Possíveis Riscos e Benefícios), o recurso à equipa de investigação em caso de experiência de desconforto emocional ou stress.

Parecer favorável A CdE é favorável à realização do projeto tal como apresentado.

FPCEUP, 25 de novembro de 2025

Pel'o Presidente da CdE,

Prof. Doutor Rui Alexandre Alves

Rua Alfredo Allen – 4200-135 – Porto – Portugal - TEL.: 351 226079700 – FAX: 351 226079725 – URL: www.fpce.up.pt